

Federico Herrero: *Tactiles*



— by Cristina Sanchez-Kozyreva

Breathing Borders

There is something energizing in Federico Herrero's interpretation of Kunsthalle Lissabon's double-roomed white-cube basement.

As you walk down the stairs, colourful rounded rectangular shapes—painted directly on the walls—greet you with the confident innocence of youth. They seem to be moving upwards along the surfaces in groupings, reaching the ceiling in patches, like joyous bubbles or balloons ready to burst into some implied open skies. Coming in lovely bonbon nuances of greens and yellows, with orange, pink, and blue highlights, they playfully contrast with the bleached coldness of the walls and lights. On the floor, grey concrete sculptures in the shape of triangular prisms gather in two square formations. Instinctively, one is

reminded of little pointy mountains and/or ranges of pine trees, especially when seeing them from the stairs' higher stance. Subtle, the soft pastel grey of the concrete they are made of is underlined here and there at the basis of the shapes by a thick stroke of running green.

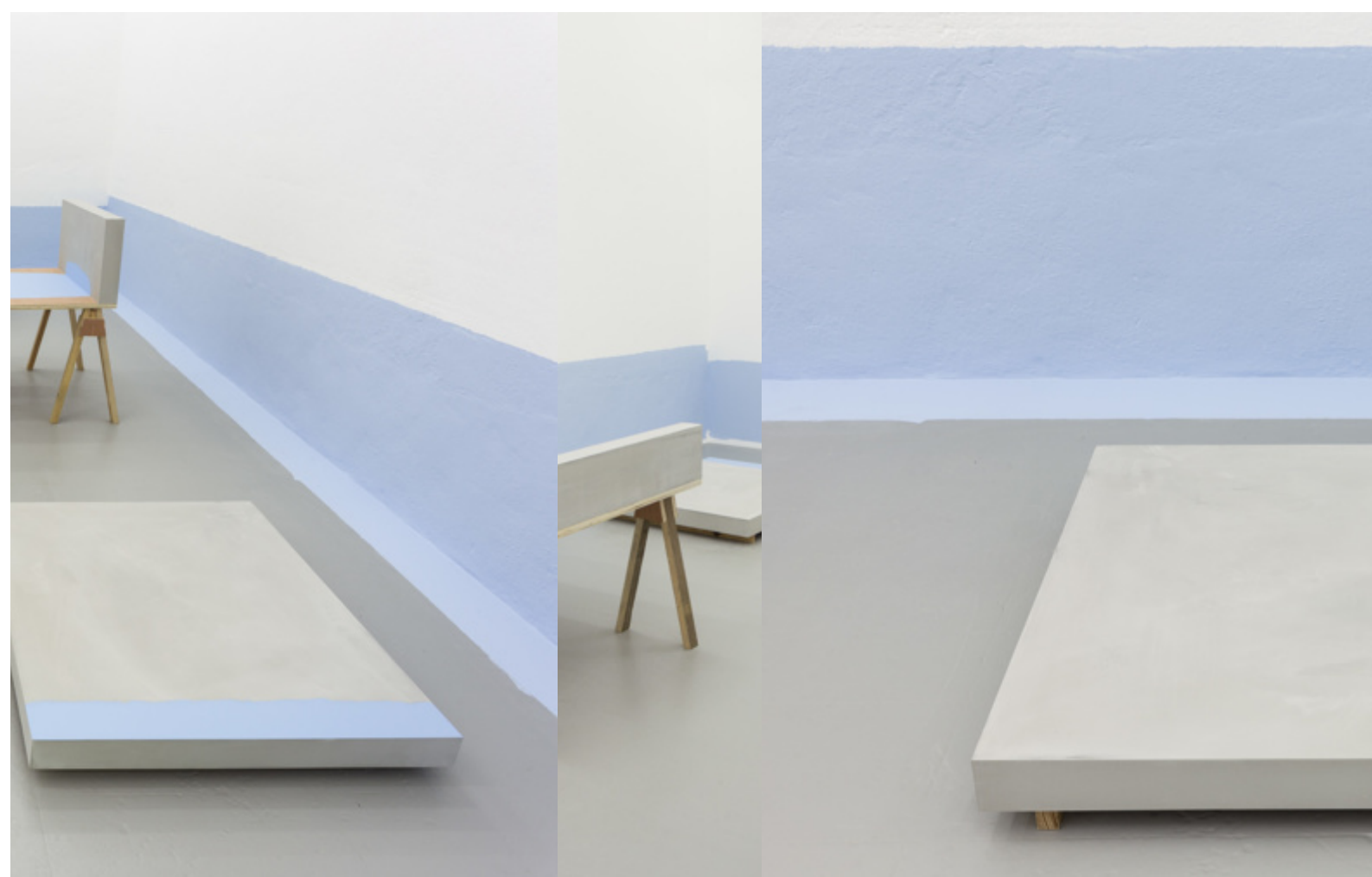
In Costa Rica, where he lives and works, Herrero divides his time between urban and jungle environments, and his visual language is largely informed by experiencing both, and therefore contemplating the limits of each. About this work, he speaks of the liminal space born from the tidal encounters between the ocean and the jungle, which is mediated by the sands of the beach, morphing with time and every back-and-forth movement between the waters and the prolific expansion of the tropical forests. But, without even knowing the artist's life, the room offers the viewer a minimalist bright landscape where cues are given by concrete and colour blocks in lieu of hills, valleys, fields, and rainforests — is that a ribbon of ocean spotted in the horizon? And there, is that a meadow, or perhaps a flower bed? In any case, Herrero's palette draws from sherbets, lush greens, and sunny blues—evoking in a way the practice of a modern painter of the tropical outdoors.



The next room, smaller and more contained, is obstructed by several concrete and wood table sculptures of varying height that the viewer needs to contour. All depart from the rectangular shape, either as a concrete slab or a plank, to which the artist has added trestles, as you would do to build a table, and/or partitions, as in an out-of-centre ping-pong table. There is something about the texture and colour of the concrete that somehow manages to appear velvety. This palpable quality is comforted by the title of the exhibition, *Tactiles*, which seems to tease the viewer into running their fingertips on the sculptures as if they were made of plush upholstery. Surrounding the sculpture-isles is the colour blue — a slightly grey

pastel blue on par with the soft grey of the concrete sculptures — which covers all of the lower parts of the surrounding walls, as if the room itself was an island. And if it were an island, it would not be wild and virgin, but rather inhabited by simple brutalist constructions made of cementing material.

More than anything, Herrero's work is to be understood physically, as it reintroduces a sensory approach of apprehending the world to adult souls who have long forgotten the kinaesthetic joys of kindergarten. However, if the work appears naive and playful by certain aspects, it also delivers a certain amount of pressure, if only because it feels contradictory to experience nature via concrete. Or also because one could think of how weeds, flowers, and even trees always manage to grow — in a tropical climate they certainly do — through some cracks and crevices in the bitumen. Which is also a reminder that nature always finds a way, with or without humans, or despite humans, who might just be discarded. At least some theories suggest it in these times of environmental concerns, with especially worrisome changes of temperature and rising sea levels threatening to overflow islands and lands.



But the necessity to heed Earth's message aside, this work is inviting us to be attentive to the physical incarnations of boundaries and borders — incarnated by partitions, membrane-like shapes, and horizons. Our bodies can realise the realities of Earth's gravity and tidal nature, but also by extension the idea of psychological boundaries and the implications of co-existence at large.

The forces that push and pull oceans and shores or those that exist between wilderness and constructed environments or those at stake on a border between two countries or sea territories could all be

manifestations of how any element in the universe, a particle even, occupies space—in co-existence with all the other elements, or particles, in the universe.

Co-living or co-being creates energy. And so border zones between landscapes; political, economic, social, and cultural divisions and overlaps; ideological commonalities and differences—anything material and immaterial that contains contrast generates an energetic intersectional territory. And that liminal territory, itself in constant movement, is, in other words, alive.

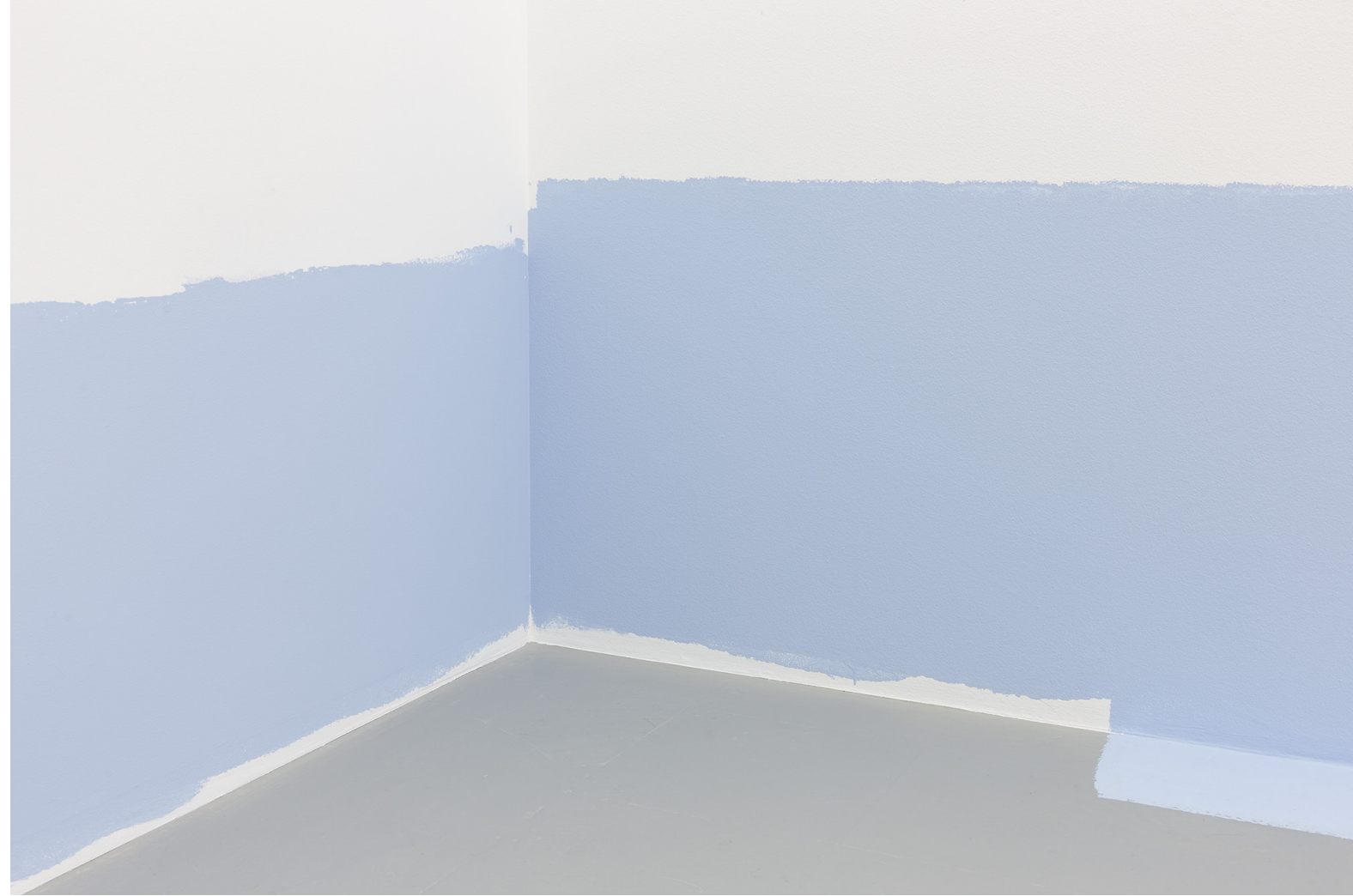
A limit is not just an end: it is a living zone, in a constant fluid state, not unlike
or just exactly as the universe we live in.

Federico Herrero

Kunsthalle Lissabon

Proofreading by Diogo Montenegro.

Cristina Sanchez-Kozyreva is an art critic, curator and writer. She is a regular international contributor to art publications such as Artforum, Frieze, Hyperallergic, and other publications including the South China Morning Post. She was the co-founder and editor-in-chief of Hong Kong-based independent art magazine Pipeline that ran print editions from 2011 to 2016 where she curated thematic issues with artists, curators and other art contributors. She has a Masters degree in International Prospective from Paris V University. She is the editor-in-chief of [Curtain Magazine](#).



Federico Herrero, *Tactiles*. Exhibition views. Kunsthalle Lissabon, Lisboa. Photography: Bruno Lopes.
Cortesy of the artist and Kunsthalle Lissabon.

[↶ Back to Top](#)

Federico Herrero: *Tactiles*



— por Cristina Sanchez-Kozyreva

Fronteiras que respiram

Há qualquer coisa de estimulante na interpretação que Federico Herrero gera das duas salas de estilo *white cube* na cave da Kunsthalle Lissabon.

Ao descermos as escadas, dá-nos as boas-vindas, com a confiante inocência da juventude, uma profusão de formas retangulares arredondadas e coloridas pintadas diretamente sobre a parede. Divididas em grupos, parecem subir pelas superfícies, alcançando o teto como que fossem bolhas de alegria ou balões prestes a rebentar num céu tácito. Em deliciosas matizes de verdes e amarelos confeitados, com destaques laranjas, rosas e azuis, produzem assim um confronto espirituoso com a frieza descorada das paredes e da iluminação. No chão, vêem-se dois arranjos quadrangulares de

esculturas cinzentas de cimento em forma de prismas triangulares; como que por instinto, o visitante lembra-se prontamente de montanhas pontiagudas, ou de fileiras de pinheiros, particularmente se as olhar do início das escadas. Também de uma especial subtileza, o suave cinzento pastel do cimento de que são feitas é sublinhado aqui e ali, junto à base das formas, por uma pincelada verde rasgada.

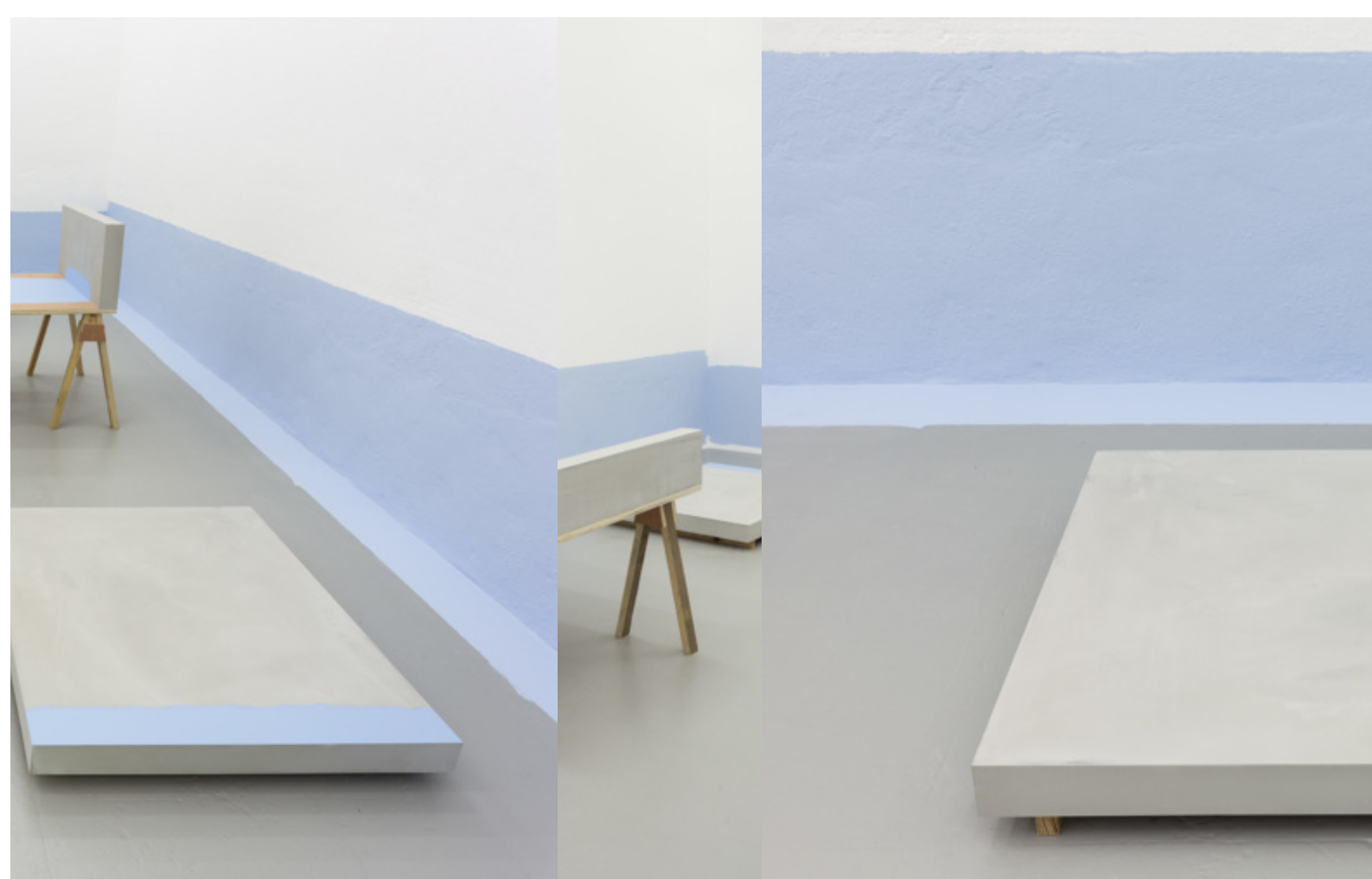
Na Costa Rica, onde vive e trabalha, Herrero distribui o seu tempo entre o ambiente urbano e a selva, pelo que a sua linguagem visual não só se vê largamente influenciada pela experiência que deriva de ambos como também observa os limites de cada envolvência. Quanto à sua obra, o artista fala do espaço liminar que nasce dos encontros mareais entre o oceano e a selva e que é mediado pela areia da praia, transformando-se com o tempo e com cada vaivém entre as águas e a prolífica expansão das florestas tropicais. Porém, mesmo não conhecendo a vida do artista, esta sala oferece ao observador uma paisagem minimalista e luminosa que se insinua não por montes, vales, campos ou florestas tropicais, mas antes por blocos de cimento e de cor — será aquilo uma tira de oceano no horizonte? E ali, um prado? Ou um canteiro? De qualquer forma, a paleta de Herrero recorre a tons *sorbet*, verdes exuberantes e azuis soalheiros, evocando em certa medida a prática de um pintor moderno de espaços tropicais.



A segunda sala, mais pequena e contida, vê-se obstruída por várias esculturas de mesa em cimento e madeira e de altura variável que o visitante tem de contornar. Todas partem da forma retangular, tratem-se elas de blocos de cimento ou de tábuas, às quais o artista juntou cavaletes, como que para construir uma mesa, ou divisórias, como numa mesa de pingue-pongue com a rede descentrada. Há qualquer coisa na textura e cor do cimento que quase lhe dá uma aparência aveludada; e esta qualidade palpável é sustentada pelo título da exposição, *Tactiles*, que parece incitar o visitante a passar os dedos pelas

esculturas, como se estas tivessem forro de pelúcia. Ao redor das esculturas-ilhas, a cor azul persevera — um azul pastel levemente acinzentado aparentado ao cinzento suave das esculturas de cimento — cobrindo os rodapés das paredes circundantes, como se a própria sala fosse uma ilha. E, se de facto o fosse, não seria uma ilha selvagem, virgem; antes, habitá-la-iam construções brutalistas despojadas, feitas de material cimentício.

Acima de tudo, a obra de Herrero deve ser compreendida fisicamente, uma vez que reintroduz uma abordagem sensorial de apreensão do mundo às almas adultas que já há muito esqueceram as alegrias cinestéticas do jardim de infância. No entanto, se, atentando em certos aspetos, a obra se mostra ingénua e lúdica, também implica uma certa pressão, nem que seja pela aparente contradição inerente à experiência da natureza através do cimento; ou até pela ideia de que as ervas, as flores e até as árvores conseguem invariavelmente rebentar e crescer — será certamente o caso em climas tropicais — por entre as rachas e fissuras do betume. E isto também é uma chamada de atenção: a natureza vai sempre encontrar solução, com ou sem humanos, ou apesar dos humanos, que poderão muito bem ser simplesmente descartados. As teorias que o sugerem ainda são algumas, nestes nossos tempos de preocupações ambientais e de subidas particularmente alarmantes de temperatura e do nível médio dos oceanos, com a ameaça constante de ilhas e terras alagadas.



Contudo, à parte a necessidade de ouvir a mensagem da Terra, esta obra convida-nos a atentar nas encarnações dos limites e das fronteiras — incarnados por partições, formas membranares e horizontes. Os nossos corpos são capazes não só de compreender as realidades da gravidade da Terra e da natureza

das marés mas também, por extensão, a ideia dos limites psicológicos e a implicação da coexistência generalizada.

As forças que empurram e puxam os oceanos e os litorais, ou aquelas que existem entre a natureza intocada e os lugares construídos, ou até aquelas que se disputam entre dois países ou territórios marítimos: todas estas podem ser manifestações da forma como qualquer elemento deste universo — até uma mera partícula — ocupa espaço, em coexistência com todos os outros elementos, ou partículas, deste universo.

Viver ou ser em conjunto cria energia. E, assim, as zonas fronteiriças entre as paisagens; as divisões e sobreposições culturais, sociais, económicas e políticas; as semelhanças e diferenças ideológicas: qualquer material ou imaterial que contenha contraste gera um enérgico território interseccional. Noutras palavras, esse território liminar, que se encontra em constante movimento, vive.

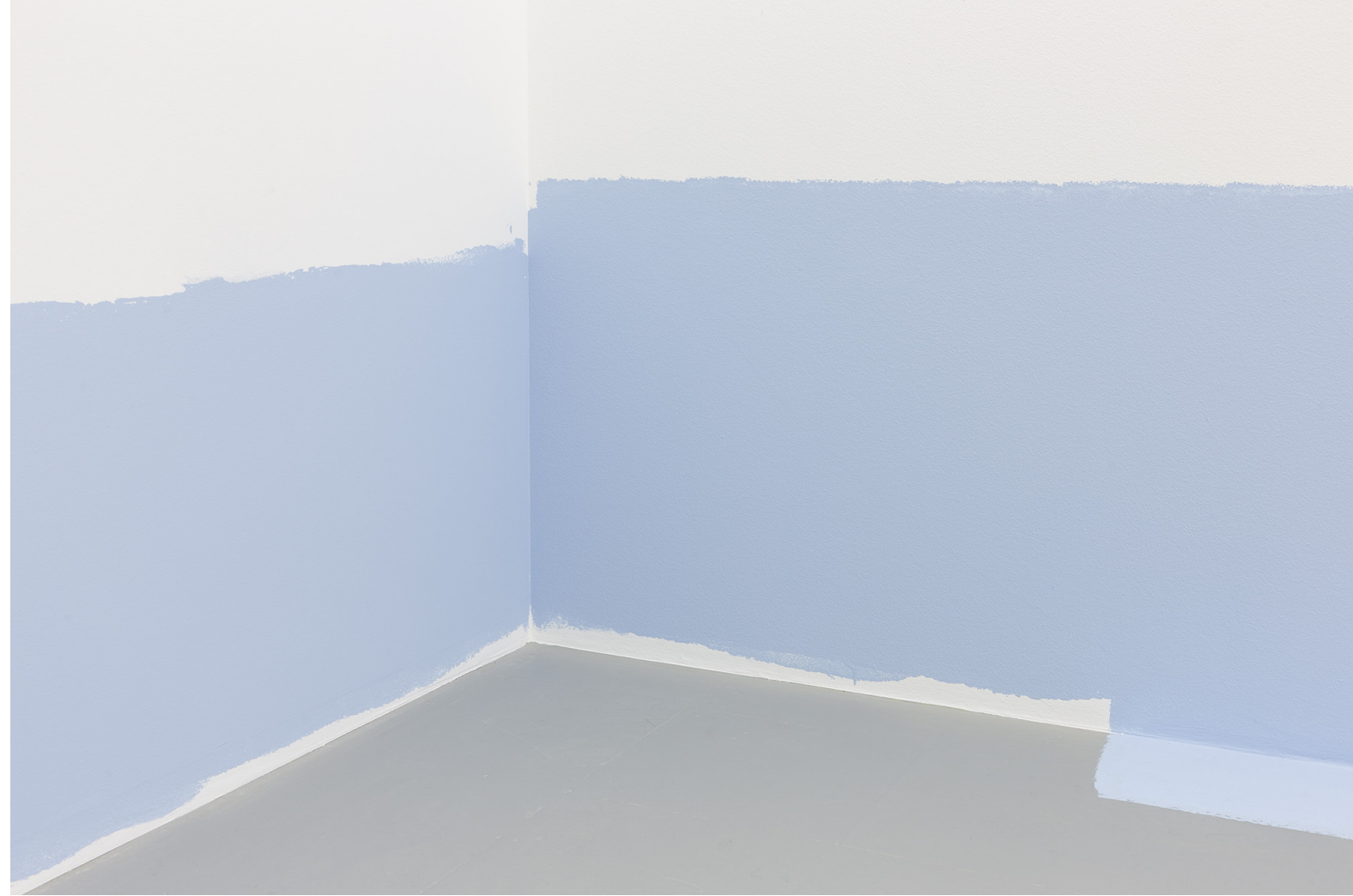
Um limite não é somente um fim: é uma zona viva, num estado constante de fluidez, não diferente do — ou, antes, em tudo idêntico ao — universo em que vivemos.

Federico Herrero

Kunsthalle Lissabon

Tradução do EN por Diogo Montenegro.

Cristina Sanchez-Kozyreva é uma autora com experiência em relações internacionais e estratégia. Viveu na Ásia durante 15 anos. Actualmente trabalha e vive entre Lisboa e Hong Kong. É co-fundadora e editora-chefe da revista de arte Pipeline, com sede em Hong Kong (impressão 2011-2016). Contribuiu, regularmente, para várias publicações na Ásia, Europa e EUA, como Artforum, Frieze e Hyperallergic. É editora chefe da revista digital [Curtain Magazine](#).



Federico Herrero, *Tactiles*. Vistas de exposição. Kunsthalle Lissabon, Lisboa. Fotografia: Bruno Lopes. Cortesia do artista e Kunsthalle Lissabon.

[↶ Voltar ao topo](#)